



ACADEMIA JOINVILENSE

1969

**Suplemento Literário**

**HEKADEMEIA**

**# 12**

**Nossos Contistas - 2**

**Vol. 2 – No. 10 – Joinville, outubro de 2017**

**ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS**

# Hekademeia Vol. 2, No. 10

## SUMÁRIO

Hilton Gorresen	5
Milton Maciel	13
David Gonçalves	20
Alessandro Machado	28
Carlos Aduino Vieira	34
Salustiano Souza	41
Wilson Gelbcke	48
Simone Gehrke	56
Jura Arruda	64

***HEKADEMEIA** é forma original e mais antiga da palavra Akademia. Era um bairro distante pouco mais de um quilômetro da Acrópole de Atenas, dedicado ao herói grego Akademos (em latim Academus) e à deusa Palas Atena, uma planície onde havia jardins e bosques sagrados de oliveiras. Ali Platão possuía um terreno, no qual reunia seus discípulos para transmitir-lhes seus ensinamentos. Daí surgiu, por evolução, o conceito de Academia, como um lugar e uma congregação onde se reúne a nata da intelectualidade local.*

**HEKADEMEIA** é um Suplemento Literário mensal, publicado pela Academia Joinvilense de Letras, para possibilitar a comunicação de seus acadêmicos com os leitores em geral de todo o mundo lusófono. Soma-se, assim, aos livros-coletânea ENSAIO e à revista ENSAIO, seus parentes AJL mais volumosos e de maior circulação.

Este décimo-segundo número de Hekademeia traz de volta nossos contistas que participaram do segundo número desta nossa série de Suplementos Literários, o **HEKADEMEIA 2: Nossos Contistas**, de Dezembro de 2016.

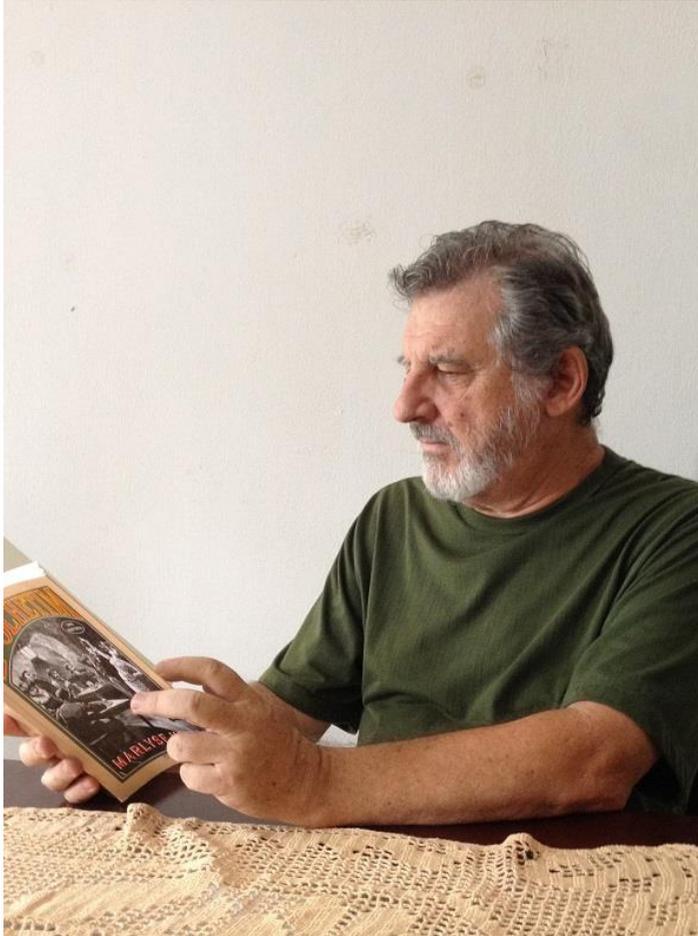
Mas hoje nosso time de contistas está bem maior. Este **HEKADEMEIA 12: Nosso Contistas-2** recebe o reforço dos acadêmicos Salustiano Souza, Simone Gehrke e Alessandro Machado.



A Academia Joinvilense de Letras funciona, desde 2014, no belíssimo prédio histórico da Sociedade Harmonia Lyra, no centro da cidade – à Rua 15 de Novembro, 485.

Aí se desenrolam as sessões ordinárias e extraordinárias, os Cafés Acadêmicos, as Assembleias e, em seu Salão Nobre, a extraordinária Sala Mozart, os importantíssimos eventos artístico-literários, os SARAUS da AJL.

No terceiro andar desse colosso arquitetônico está a nossa sede, com a grande sala de reuniões, biblioteca e a sala de aulas, onde são ministrados nossos cursos e oficinas, tanto para acadêmicos, escritores e aspirantes a escritor em geral, como para estudantes do ensino fundamental e médio e do ensino superior.



HILTON GORRESEN

*O acadêmico **Hilton Görresen** é natural de São Francisco do Sul (SC), bisneto de imigrante norueguês aqui chegado no século 19.*

*Começou a publicar seus textos na década de 1960, no jornal *Correio do Povo*, de Jaraguá do Sul (SC). Entre as décadas de 1970 e 1980, após concluir o curso de Letras, em Joinville, iniciou colaboração semanal no jornal “A Notícia”, publicando crônicas, num estilo leve e humorístico, e artigos sobre comunicação.*

*Terminando curso de especialização em Língua Portuguesa, em 1990, passou também a elaborar textos sobre linguagem, alguns deles reunidos mais tarde no livreto “Mostrando a língua”, de 2004.*

*Há cerca de 10 anos, vem publicando suas crônicas no jornal *Notícias do Dia*, também de Joinville, textos estes reunidos nos livros “Quando minha avó tirava a roupa”, “Histórias para ler no banheiro” e “Elefante branco”.*

*Publicou também um livro de memórias, “São Chico Velho de Guerra” e o paradidático “O que aprendi sobre redação – e posso lhe ensinar”.*

*É membro também da Associação das Letras e da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul – ALASFS.*

## UM NEGÓCIO DIFÍCIL

Seu André alugou um Opala e fomos para Tequiné dos Montes. A estrada era ruim, uma reta estreita, escalavrada. O Opala ia aos pulos.

Às vezes, olhava pra mim, ao lado, e se vangloriava:

– Vou mostrar pra essa caipirada como se vende apólices, moleque. Vamos colocar umas vinte no mínimo. Voltamos cedo, quero ainda jogar umas partidas de sinuca com os otários.

Eu não duvidava de nada disso. Seu André tinha um nhém-nhém-nhém de carioca, levava todo mundo na conversa. Era um sujeito moreno, de menos de 40 anos, bastos cabelos pretos (hoje acho que ele pintava). Camisa aberta no peito, onde pendia grossa corrente de ouro com um crucifixo pesadão. Um pente Flamengo aparecendo no bolso traseiro da calça. Logo fez amizades. Em poucos meses tornou-se tão conhecido e influente na cidade quanto o padre ou o delegado. Chegava num grupinho, juntava num abraço duas ou três pessoas:

– Conhecem aquela do “djiabo” guei?

Mangavam do seu sotaque. Levou apelido de Zé Carioca. Para mim, era seu André, meu patrão.

Marquinhos, o rapaz que atendia de madrugada no hotel Central, onde ele estava parado, fazia vista grossa quando recebia suspeitas visitas noturnas. Falou-se que até a mulher do hoteleiro, ó!

Seu André tinha saído do Rio por motivos políticos, costumava dizer. Os militares tinham assumido o poder e ele andava papando a mulher de um capitão. Sobrevivia, e bem, com a venda de seguros para uma grande companhia.

Depois que meu pai morreu, tive que me virar para ajudar a família e pagar os estudos. Tive sorte em arranjar essa boca com seu André. Era uma espécie de aprendiz. Acho que esse termo era conversa pra me pagar uma miséria. Mas era por

pouco tempo. Eu despachava propostas pelo correio, arquivava as cópias numa caixinha de plástico, ali mesmo no hotel, ia comprar os maços de Hollywood e ouvia os gracejos que ele fazia sobre os “capiaus” da cidade. E eu, boca fechada. Falava sempre que eu ia ao banheiro com uma revista de mulher nua na mão esquerda. E ria. O que ele queria dizer com isso?

– O dia que voltar pro “Riio” te levo junto, moleque. Vais conhecer a Dolores, uma égua pra transar. Eu envergonhado:

– Não fala isso, seu André. Se eu sair daqui minha mãe enfarta.

– Enfarta nada. Deixa disso, moleque. Tá na hora de sair da saia da mamãe.

Acordei cedo, a mãe já tinha deixado pronta a mesa para o café. Me vesti e esperei na frente de casa. Seu André parou o Opala. Sobe, moleque. Antes disso, ele havia buscado referências em Tequiné, não era bobo.

– Procure o Zé da Farmácia, bem no centro. Ele conhece todo mundo por lá – aconselhou o Manecão do bar Danúbio. Chegamos em Tequiné um pouco antes da hora do almoço. Viagem sofrida, só buraco e poeira. Seu Zé da Farmácia nos recomendou uma visita ao seu compadre, Coronel Damásio, que tinha um sítio a uns 15 quilômetros dali. Tinha posses, mas não era coronel coisa nenhuma, era assim chamado pelo seu ar grave e porque vivia de botas e chapelão na cabeça.

Após o almoço, numa biboca, rumamos pra lá. Seria o primeiro cliente. Não foi difícil achar o endereço, era uma estradinha reta que no final dava de cara com um morro. Seu André ia cantarolando uma música da Jovem Guarda, disse que era amigo do Roberto Carlos. Pois sim! Acredito. E eu sou amigo do Elvis.

O morro parecia bem pertinho, em cima de nós, mas era só impressão. Atrás dele havia uma serra azulada. Antes de

chegar no morro, um portal com placa: Sítio Dona Terezinha. Era ali.

O sítio começava com uma pequena estrada, rodeada de pés de laranja, limão, goiaba, mamão... Seu André parou o carro e colheu uma goiaba verdolenga. Foi mastigando com uma mão no volante. No final da estrada havia um pátio e um casarão de dois andares, como aquelas casas dos senhores de engenho. Ao lado da casa, uma estrebaria. Um empregado fez sinal, paramos carro.

– Viemos falar com o coronel. Assunto de negócios.

O homem coçou a barbicha:

– O coronel tá sabendo?

– Só se você disser a ele.

– Hum... Estacione ali no pátio, na frente do prédio.

Seu André estacionou o Opala, tirou o pente do bolso, deu uma caprichada na cabeleira; depois puxou o maço de Hollywood do bolsinho da camisa, deu uma batidinha com o cigarro no painel do carro, e o meteu na boca, tacando fogo com o isqueirão. Deu uma tragada funda. Por fim, fez um Em nome do Pai, e beijou o crucifixo do peito.

Veio nos receber o chapelão do coronel. Roupa simples, cigarrinho de palha entre os dedos. Seu André precipitou-se como se fosse abraçá-lo. Mas desarmou o abraço diante da postura séria, de militar.

– Boa tarde, coronel Damásio! (era uma estratégia chamar as pessoas pelo nome) Me chamo André Sebastião. Em Serralho me conhecem por Zé Carioca. E deu um sorriso amigável, mas o homem não retribuiu. Temos um bom negócio para o senhor e sua família. O senhor nos foi indicado pelo seu compadre, Zé da Farmácia. Podemos entrar e conversar em pouco?

O coronel deu uma tragada no palheiro. Apertou-o entre os dedos:

– Não se apresse, home. Venha conhecer o sítio.

– Não é necessário, coronel. O tempo é pouco.

– Faço questão.

E fomos visitar os porcos, galinhas, marrecos, dois ou três cavalos na estrebaria, plantação de milho, de cana, canteiro de alface, cebolinha, hortelã, repolho... Por último, atravessamos uma ponte rústica sobre um riozinho de águas límpidas em direção ao alambique, onde o homem moía cana e fabricava sua cachaça. Experimentamos dois dedos da boa. Seu André olhava a toda hora no relógio. Fumou uns três cigarros.

Finalmente, entramos no casarão. Porta alta, sala com cadeiras de palhinha. Na frente de uma grande TV de válvulas, uma cadeira de balanço com almofada de tecido. Exclusiva do coronel.

Sentamos. Seu André deu a arrancada:

– Senhor coronel...

– Calma, home.

Colocou o cigarrinho apagado detrás da orelha, saiu da sala e voltou com uma cuia e uma chaleira. Eu e seu André nos entreolhamos. Encheu a cuia de erva, derramou nela a água fervente da chaleira e deu uma chupada na bomba. Tudo em silêncio. Já eram umas quatro horas da tarde. Tornou a encher a cuia e passou-a ao seu André. Esse deu uma chupada na bomba e fez uma careta. Continue, continue... falou o homem. Seu André fechou os olhos, respirou fundo e foi até o fim. Devolveu a cuia, que foi novamente enchida e passada para mim. Mais uma rodada. Seu André agora cruzara as pernas e balançava o pé que ficou por cima. Virava-se na cadeira de palhinha. Esperava a melhor hora de iniciar a negociação.

O coronel recolheu a cuia e a chaleira, foi lá para dentro e voltou com um pedaço de palha cortadinho. Estendeu-o sobre uma mesinha, frisou-o com um canivete fechado, tirou do bolso um rolo de fumo negro e começou a picá-lo, fazendo um carreirinho sobre a palha. Depois enrolou-a com dedos hábeis,

acendeu e deu uma tragada. O fumo era forte, comecei a sentir enjojo. Cinco horas. Seu André, o famoso Zé Carioca, não sabia mais como iniciar a conversa.

– Veja, coronel Damásio...

O homem não deu atenção. Virou-se para um dos lados da sala e gritou:

– Madalena, sirva o café.

– Qué isso, coronel, não precisa. Logo vamos embora.

– O senhor tem que provar os bolinhos da Madalena.

Ninguém sai daqui sem provar eles. E para dentro: café bem forte, Madá.

Levou uns vinte minutos. Nós em silêncio, seu André no terceiro cigarro. Uma morena gorda, de avental, surgiu na sala. Colocou as xícaras, os pratinhos e talheres numa mesa. Depois veio com um bule grande, esmaltado. O coronel empertigado numa cadeira. A mulher serviu o café, indicou o açucareiro, e foi buscar os famosos bolinhos. Eram bolinhos de banana, macios, deliciosos. Comi uns quatro de cara. Seu André parece que estava sem fome.

Cachorros latiram lá fora. O coronel pediu licença, levantou-se e foi verificar o que estava acontecendo. Seu André suspirou.

– Esse velho está me enrolando. Mas não saio daqui sem lhe empurrar uma apólice ao menos.

Em meia hora o homem voltou. Os cães estavam deixando os cavalos nervosos, explicou. O sol já estava se despedindo. A luz do dia se apagou de repente. Era agora ou nunca.

– Coronel, me deixe falar agora.

– Fale, home, fale.

Pediu sua pasta, que estava comigo. Retirou umas propostas em branco.

– É o seguinte. O senhor já não é tão novo. Tem mulher, filhos?

– Só mulher. A Joaquina pede desculpas por não atender, não está muito bem.

– É isso, coronel. Ninguém fica pra semente, não é mesmo? O que acontece com sua esposa se o senhor faltar? É preciso garantir a ela uma boa quantia para subsistência, o senhor não concorda? (fazer a pessoa concordar desde o começo, antes de dar a fígada, era parte da estratégia) O senhor já ouviu falar em seguro de vida?

– Seguro? É isso? Por que não falou logo, home de Deus?

Levantou, foi lá dentro e voltou segurando uma caixa retangular, imitando um baú. Abriu e tirou dali um documento.

– Olha aqui. Já tenho um bom seguro, meu e da mulher. Nunca deixo de fazer e renovar. Como o senhor disse, ninguém fica pra semente. Ela e eu estamos garantidos.

Quando pegamos a estrada de volta, já passava das 20 horas. Nenhum seguro. Seu André apertava com força o volante do Opala, pisava fundo no acelerador. O carro pulava. Não sei por que, eu ia rindo por dentro.



MILTON MACIEL

*O acadêmico Milton Maciel, escritor, editor, consultor agrícola, conferencista internacional, músico e compositor, é gaúcho da fronteira com o Uruguai.*

*Viveu 25 anos em São Paulo, onde foi fabricante de aparelhos científicos para análise química, agricultor orgânico e consultor; e quatro anos em Maceió, Alagoas, onde foi Secretário de Agricultura. Escolheu Joinville para viver no ano de 2003. No período 2007-2014 residiu e trabalhou nos Estados Unidos como conferencista, escritor e ghost writer.*

*Tem, até o momento, 36 livros publicados em 3 idiomas, entre romances, contos, poesias, ensaios e livros técnicos de astronomia, nutrição, etanol e agricultura orgânica.*

*É também membro da Associação das Letras e da Confraria do Escritor, ambas de Joinville, da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e da Romance Writers of America.*

*É criador e titular do Curso de Formação de Escritores “O Escritor Publicável”. E diretor da Escola Brasileira do Escritor, de São Paulo.*

*Atualmente é o presidente da Academia Joinvilense de Letras, para o triênio 2016-2019.*

BLOG: <http://miltonmaciel.blogspot.com.br>

FACEBOOK:

<http://www.facebook.com/milton.maciell>

<http://www.facebook.com/escritorpublicavel>

<http://www.facebook.com/aguerradejacques>

e-mails: [miltmaciel@gmail.com](mailto:miltmaciel@gmail.com)

[delphos09@yahoo.com](mailto:delphos09@yahoo.com)

[mo.maciell@terra.com.br](mailto:mo.maciell@terra.com.br)

## KHIRBET QUMRAN – Nathan, o Zelote

Do alto da escarpa, à entrada da caverna, a velha contemplava a paisagem de Khirbet Qumran. A noite caía rápida e a visão da praia e da grande extensão de água à sua frente ia se fazendo mais e mais enevoadada, aumentando a falta de nitidez com que as cataratas crescentes em seus olhos a castigavam.

Mas nem toda a névoa deste mundo seria capaz de esconder dela o vulto odioso, inconfundível, que se aproximava do penhasco. Puxando um jumento, Shlomo, o publicano, caminhava lentamente pela praia, com seu passo oscilante de bêbado. Uma vertigem tomou conta da velha: quarenta anos de humilhação e maus tratos nas mãos daquele maldito marido assomaram à sua lembrança, enchendo de tristeza e revolta sua mente, até então envolta pela enorme paz do ambiente.

Ali, judiciosamente, a velha adepta se dedicava a colocar os manuscritos dentro dos grandes vasos de argila, quase do seu próprio tamanho. E fechá-los com as grandes tampas, que cimentava com perfeição.

Os romanos avançavam cada vez mais e os líderes da comunidade essênia, receosos da destruição de seu grande legado, haviam decidido escondê-lo nas grandes cavernas de Qumran, à beira do mar Morto.

Lágrimas assomavam aos olhos baços da pobre mulher, quando algo lá embaixo despertou sua atenção. Da escuridão já quase plena, assomou um vulto por trás de Shlomo e o atacou com um enorme remo de barco. Um único golpe certo no alto do crânio, um ruído de pote quebrando, e o velho tombou pesadamente sobre os joelhos. O agressor agiu célere: arrastou o corpo para junto de um grupo de barcos distribuídos na areia

entre as rochas e a água e o escondeu rapidamente, cobrindo-o com um grande monte de redes de pesca.

A velha passou da surpresa e do susto para uma sensação de alívio e euforia. Ninguém precisaria lhe contar, havia presenciado tudo: o pesadelo chegara ao fim! Décadas de martírio estavam agora encerradas pelas mãos de um Anjo Vingador. Sempre tivera essa convicção: um dia o Senhor haveria de enviar um anjo para punir todas as incontáveis maldades de Shlomo. Por que tardara tanto?

A essência então deixou-se cair de joelhos, suas lágrimas rolando abundantes agora, enquanto murmurava um rosário de preces e frases ininteligíveis, deixando sair do fundo do peito toda a emoção de que estava tomada.

Toda ela parecia estremecer em convulsões, mas seus olhos, quando se abriam, revelavam toda a enorme, toda a indizível alegria de que se via inundada. Nessa situação ficou por longos minutos, até que sua atenção foi de novo chamada por movimentos de pessoas lá embaixo.

Viu que um pequeno grupo de pescadores se encaminhava para os barcos. E notou que um deles ia direto para o tufo de redes empilhadas, formando um monte estranho à prática comum daqueles homens, o que lhes havia chamado a atenção ao chegarem.

Ergueu-se a mulher, alarmada. A violenta emoção de euforia deu lugar a um momento de preocupação. Logo os pescadores descobririam o corpo de Shlomo. E, pouco depois, perceberiam que um dos seus barcos havia desaparecido. Nele, o Anjo Vingador se evadira rapidamente da cena do crime, deixando nítidas pegadas na areia úmida.

A velha sentia-se tão imensamente grata a seu redentor que a última coisa que queria é que os homens saíssem à sua caça em seus pequenos veleiros. Acalmou-se um pouco ao lembrar que agora já era quase noite fechada e que, talvez, os homens custassem a perceber o furto do barco. Mas o que havia por baixo do estranho monte de redes estava para ser descoberto no instante seguinte: o homem já havia começado a remover as redes de cima e chamava, excitado e aos gritos, os seus companheiros.

Aquele a quem a velha chamara seu Anjo Vingador era Nathan da Galileia. Um zelote dos mais ativos e dos mais procurados por romanos e judeus, com cabeça a prêmio. Solitário por vocação, Nathan quase sempre agia sozinho. Por isso suas emboscadas e ataques não eram espetaculares. Ao contrário, resumiam-se a cuidadosos e bem planejados reides contra um único indivíduo.

Passara, desta vez, quase uma semana à caça do velho publicano Shlomo, um cruel explorador do seu próprio povo, de quem arrancava escorchantes tributos em nome de Roma. Tributos que, depois, sonegava em boa parte aos romanos.

Shlomo fora a causa da desgraça de muitos homens e de suas famílias, nesse rol incluído o pai de Nathan. O velho Shaul, expropriado da maior parte dos seus bens, não havia resistido à tristeza e à humilhação. Embora a família contasse que ele caíra do penhasco, seus filhos perceberam que ele havia saltado para o fim, em desespero. Agora Nathan fizera-lhe justiça.

Sem saber do drama da velha mulher do abutre publicano, via a si mesmo como um Anjo Vingador. Mas não apenas de seu pai, senão que de todo um povo massacrado e vilipendiado pelos invasores romanos e seu asseclas judeus, estes ainda mais

odiosos por se locupletarem com as escassas sobras arrancadas a pulso de seus compatriotas. Justiça do Shlomo, escondera-lhe o corpo sob redes de pesca e fugira tomando um dos barcos a vela que estavam ali fundeados.

Agora seu olhar perscrutava o grande lago de Asphaltitus, ao qual os romanos preferiam chamar de Mar Morto. Navegava na noite fechada, sem lua, na escuridão quase completa. Mas seus olhos habituados às longas espreitas nas noites de emboscada, seu passado de menino marinheiro e pescador no Lago de Genesaré, à beira do qual nascera em Cafarnaum, lhe permitiam navegar com segurança mesmo nessas condições.

Os mistérios do Asphaltitus, suas correntes, sua água espessa de sal, não lhe eram estranhos. Por ali já se deslocara em outras missões. Agora, deixando Khirbet Qumran, velejaria toda a noite e pelos dias seguintes, até alcançar o extremo sul do Mar, saindo dele na altura de Masada.

Dali se esgueiraria mais uma vez pelas montanhas, chegando a Hebron e de lá, devidamente disfarçado, haveria de achar caminho para Jerusalém, onde esperava encetar um novo ataque, agora dirigido a um funcionário romano, um sibarita balofo e preguiçoso, que enriquecia como cúmplice de muitos dos achaques de Shlomo, acobertando-lhe os múltiplos desvios.

Na noite densa, de poucas estrelas escurecidas pela névoa, Nathan olhava seu Lago Asphaltitus com amor e gratidão. Outros talvez nada pudessem ver, mas, para o galileu, ele era totalmente perceptível: via suas águas serenas e escuras, os bancos de areia e os rochedos às margens, as raras fogueiras acesas, uma ou outra escassa casa ou grupo de casas iluminadas pelas lamparinas, nos quase inexistentes vilarejos situados sobre as escarpas.

Mar Morto? Não. Mar cheio de esperança de vida, enquanto por ali passassem, tudo arriscando, guerrilheiros patrióticos e corajosos como ele, Nathan, o galileu – Nathan Zelote.

Unira-se aos guerrilheiros zelotes quando ainda um menino imberbe. Crescera participando de emboscadas a patrulhas romanas e de ataques a seus paióis de mantimentos e seus arsenais de armas.

Seu coração não tivera como conhecer o medo, só a revolta. Revolta que só fizera crescer, depois da morte de Shaul. Desde então desligara-se do grupo e passara a agir exclusivamente só, do seu próprio jeito. E devotara-se, de corpo e alma, a justificar publicanos e seus asseclas romanos.

Como fizera com tantos deles, como o bêbado Shlomo há poucas horas. E como faria com o sibarita Flavius Marcellus dentro de mais alguns dias.

Era um guerreiro, era um legítimo descendente de Judas Macabeu, o filho de Matatias. Como Judas perecera combatendo os selêucidas no passado, Nathan estava pronto para morrer em combate; morrer lutando para libertar seu país dos invasores romanos e dos abutres publicanos, judeus cobradores de impostos que sugavam o sangue do seu próprio povo.

O vento desalinava seus longos cabelos e ele o sentia como se fosse a mão amorosa do Asfaltitus a acarinhar-lhe a cabeça. O bater suave das ondas no barco era como a voz do seu lago que cantasse para ele. Cantava-lhe a elegia dos heróis zelotes, dos que davam felizes suas vidas para que um povo pudesse ter um mínimo de esperança no resgate de sua dignidade. Deslizante célere na noite escura do Mar Morto, Nathan Zelote vivia um dos seus raros momentos de paz absoluta.



DAVID GONÇALVES

**DAVID GONÇALVES** [1952] nasceu em Jandaia do Sul, PR, e desde 1974 reside em SC. Professor universitário e consultor de empresas, ministra cursos e palestras sobre literatura, comunicação, liderança e marketing. Filho de pequenos agricultores, conviveu com os trabalhadores rurais e, dessa convivência, mantida até hoje, extrai a sua força literária. O seu primeiro livro [1972], *As flores que o chapadão não deu*, foi recolhido pelo regime militar e permaneceu 16 anos na gaveta. Atualmente, tem sucessivas edições.

Recebeu o prêmio OTHON GAMA D'EÇA, 2008, da academia Catarinense de Letras, pelo conjunto de suas obras. Segundo Gilberto Mendonça Teles, da PUC-RJ, “No panorama da literatura brasileira, a obra de David Gonçalves ocupa lugar especial e de relevo; é uma das mais importantes da atual ficção, estando no mesmo nível de escritores consagrados.”

Recentemente, publicou cinco histórias infantojuvenis: **A vaca no quarto andar**, **A mulher barbada**, **Adorável Margarida**, **Sapatos de capim** e **Por seus olhos**. A Literatura tem sido seu ideal valioso desde a infância.

A crítica literária considera **O SOL DOS TRÓPICOS** (romance), **GERAÇÃO VIVA** (contos) e **SANGUE VERDE** (romance) os pontos fortes de sua obra. Neste ano de 2017 lançou o romance **PÉS-VERMELHOS**.

Diversas teses de mestrado e doutorado já foram realizadas sobre sua obra, em especial *Geração viva*, *O sol dos trópicos* e *Sangue verde*. Em 2015, o ensaísta e poeta José Fernandes publicou um livro – **A arte de narrar de David Gonçalves** – no qual examina os contos e romances do autor num panorama completo.

DAVID GONÇALVES tem como princípio não participar de concursos literários.

## OS MENINOS DE QUADRÍCULO

CHEGOU A QUADRÍCULO um pessoal inteligente, de alguma universidade famosa, sabe-se lá de onde. Cinco homens de rostos circunspectos e três mulheres quietas e competidas. Qualquer habitante, por mais descuidado, logo percebia que, entre essa gente estranha, havia um guru, senhor de barba e cabelos brancos, e os demais eram seus seguidores. Vinham em prol de uma missão, mil e tantas hipóteses. O mestre pouco falava a nossa língua e, quando dizia algumas palavras, era com muito esforço e gotículas de suor brotavam em seu afilado nariz.

Perua asiática atulhada – dessas que, além de comportar um monte de gente, sobra espaço para bagagem pesada. Hospedaram-se no Palace Hotel – que não era hotel, mas pensão, cujas estrelas de classificação só existiam no céu, também conhecida na próspera região por pensão da Dona Alzirinha, viúva de longa data, que a mantinha por nítida e precária sobrevivência dela e de dois filhos que estudavam na capital.

Era uma tarde calorenta, dessas de março-abril, pouca brisa e prenúncio de chuva. Mal a equipe se acomodou, a noite desceu e, com ela, uma chuvarada de inundar as baixadas. Assim, naquela noite, por vezes negra, iluminada por relâmpagos fortes, ninguém os viu. O guru de barba e cabelos brancos, que atendia por Bret Harte, trazia os discípulos com normas rígidas. Quem ensaiasse pequenos desvios, um joguinho de cartas, um festival de piadas inúteis, era despachado com notas sofríveis. Por isso, pouquinho depois da sopa de legumes servida por Dona Alzirinha, todos foram quietamente aos seus quartos, sem gracejos, uns para dormir, outros para contar carneirinhos.

O dia seguinte amanheceu claro, diáfano, mundo lavado e abençoado, sol bonito sobre os campos e o casario de telhados escuros. Uma pequena enchente inundara as lojas dos turcos e muitos deles estavam esbravejando, vassouras nas mãos. Bret Harte e seus discípulos pularam cedo da cama, tomaram o café forte, se abasteceram com pão caseiro, queijo, goiabada, presunto defumado e frutas, e saíram rápidos, apinhados na perua, à procura do colégio pobre da cidade, onde foram recebidos com relativa atenção pelo diretor.

– Com sua permissão – disse Bret Harte, voz arrastada, como se estivesse chupando laranja azeda –, nossa equipe quer fazer uma louvável pesquisa com seus fabulosos alunos!

O diretor, senhor de meia-idade, espécie de gente que já morreu aos trinta anos, mas que só será enterrada depois dos setenta, mirou-os com olhar cinzento, como se estivesse num velório permanente, curvou-se todo, dizendo:

– É de vocês a escola – mirou a molecureba pobre já reunida no pátio, dando de ombros, enfim que se danassem aqueles malucos.

– Muito obrriiiiigaaadoo, “doctor” – respondeu o mestre Bret Harte.

Todos os alunos foram colocados em suas respectivas salas. Estavam assustados com a presença dos estranhos. Aplicou-se um longo e engenhoso teste. Desconfiados, apreensivos, suavam. Questões circulares, aspirais. Suavam. Repetiu-se a mesma cena à tarde e à noite. A curiosidade roía. Mas os estranhos nada diziam, fechados em copas. Perto da meia-noite, o guru e seu discípulos se reuniram na pensão. Estavam exaustos. Degustaram a sopa de legumes sob um mínimo de palavras. Em seguida, estômagos fartos e aquecidos, Bret Harte se dirigiu a uma mesa grande e tosca, usada antigamente para

destrinchar porcos, galinhas e marrecos, soletrou com dificuldade essas palavras aos discípulos:

– Caros amigos, prestem atenção! Aos fatos, pois. Vamos selecionar ao deus-dará apenas vinte testes, escolha livre, ao sabor do vento, e esses meninos escolhidos serão objetos de nossos valiosos estudos.

Assim fez. Jogou para o alto a infinidade de testes e, às cegas, escolheu vinte. Colocou-os numa pasta e fechou o zíper cuidadosamente.

– Agora, boa noite!

No dia seguinte, horário previamente combinado, o mestre e seus discípulos bateram à porta do colégio. Breve reunião com o diretor e os professores, rodeado por seus inseparáveis discípulos, Bret Harte anunciou no tom arrastado o resultado da pesquisa:

– Eis aqui os meninos mais inteligentes deste colégio.

Citou os nomes, pequenas pausas, gotículas de suor brilhando em seu nariz.

– Agora, caros professores, ofereçam condições para que esses talentos sejam realidade no futuro. Adubem a terra, deem-lhes condições, cultivem essas flores promissoras.

Despediu-se. No mesmo dia, o grupo saiu da cidade, viagem de retorno, deixando o povo pasmo. Em poucos dias, a cidade sabia da lista dos mais inteligentes. Muitos comentários – positivos e negativos – rodaram de boca em boca.

Coisas incríveis aconteceram. Um alvoroço. Entre os vinte escolhidos como fina flor da inteligência, estava o filho do bêbado Pacová, sujeito de péssima aparência e de pouca recomendação. Vivia pelos botecos, cara cheia, arrotando histórias, enchendo a paciência de todos, com moscas

rodopiando sobre a cabeça. Esse bêbado ficara iluminado com a notícia. Fez disso um acontecimento.

– Está aí, seus panacas! Dizem que eu não presto. Mas aí está! Meu filho vale ouro. Mais ainda: o pilantra puxou a mim. Também sou de boa brasa, nunca neguei fogo. A fruta não cai longe da árvore. Uma vez...

Repetia as mesmas histórias, sempre de copo babado nas mãos trêmulas, azedando a paciência até dos botequeiros.

– De mim, só podia sair coisa de primeira! Pois, vejam só, deixou todos os filhos dessa cidade debaixo de seus pés! Eu também sou assim!

Certo dia, porque as pessoas viviam gozando de suas histórias enjoativas, pegou o menino e, já de manhã, quando as pessoas ainda tomavam café, começou a via-sacra pelos botecos, cheio de orgulho, mostrando o garoto aos frequentadores daqueles ambientes sórdidos. O menino Aaulfo, envergonhado, rejeitava, chorava e implorava:

– Por que isso, pai? Me deixe voltar pra casa!

Quase levou uma surra. Envergonhado, quieto, acompanhava o pai, cada vez mais bêbado.

– Aí está, seus porcarias, o meu guri! Vale ouro, gente. Ninguém é mais inteligente do que esse pestinha. Pois dizem que não faço nada que presta! Pois, sim, aqui está!

Por várias vezes, o menino viu o pai cair pelas calçadas e, mudamente, ele esperava acordar, desolado. Algumas pessoas de boa índole, vendo o sofrimento do menino, chamaram a polícia e, assim, foram conduzidos para casa numa viatura. Pacová cheirava a vômitos.

Outros casos também se deram. Mas de pouca importância. Havia discussões. Alguns pais descontentes, pois seus mimados filhos não estavam na lista, diziam abertamente que aquela

pesquisa não passava de engenhosa mentira. Um nobre e respeitado cidadão quis processar a equipe de Bret Harte. Mas, no fundo, os habitantes desejavam saber o que havia de especial naqueles meninos mirrados, desnutridos, cujos pais, se não eram bêbados, eram gente atirada no mundo, com procedência duvidosa. Um era jagunço e matava por nada; outros viviam pendurados em caminhões de boia-fria e algumas mães se prostituíam.

Eis que um ano se passou. O assunto já havia caído na mesmice. Então, todos viram, de repente, a mesma perua rolar pelas ruas de Quadrínculo. A barba e os cabelos de Bret Harte estavam mais brancos, verdadeiros flocos de algodão; os seus estimados discípulos mais maduros, compenetrados. Pernoitaram no Palace Hotel, comeram a mesma sopa de legumes.

Na manhã seguinte, foram ao colégio e executaram as mesmas tarefas da ocasião anterior, o mesmo teste com os mesmos alunos. Era quase meia-noite quando, já no hotel, depois de outra sopa com legumes, desta vez com peito de frango, anunciou:

– Amanhã – disse, tossindo levemente –, daremos início a análise de resultados.

Foram dormir.

Semanas inquietas viveu a cidade. Vinte e um dias contados nos dedos. A curiosidade aguçada. Por que tantos mistérios? Muitos passavam de propósito na frente do hotel para sondar. Havia breu. Circulavam histórias. Sem fundamento, é certo. Mas o guru e seus discípulos não pisaram a rua. Dona Alzirinha apenas dizia: “Estão remexendo uma montanha de papéis”.

Estavam mesmo. Papéis, anotações e gráficos. O que estavam procurando naquela papelada? Para quem olhasse de fora, apenas desordem. Mas não para Bret Harte, que passava

regularmente as mãos pela testa, como se enxugasse suor inexistente. Na realidade, ele não acreditava no que via. Estava assustado. Os resultados eram claros. Mas havia uma questão. Bret Harte não sabia a resposta.

– No primeiro teste – relatou a seus discípulos –, nós, de forma obscura, selecionamos ao deus-dará vinte meninos e os classificamos como fina flor da inteligência sobre os demais. Eis, pois, a surpresa. No último teste, onde aplicamos rigor científico, dezenove meninos, que estavam entre os vinte, são de fato os mais inteligentes. Apenas um não está. Um garoto chamado Ataulfo. É necessário uma investigação sobre o sucesso emergente dos dezenove sobre os demais, mas também o decadente fracasso desse caso isolado.

Os discípulos estavam boquiabertos. Não havia tempo para outra pesquisa. Partiriam na manhã seguinte. Provavelmente, nunca mais voltariam àquela cidade. Só os acontecimentos futuros poderiam lançar luz sobre o caso. Lançaram mesmo: um perigoso bandido chamado Ataulfo, o Tulfo Negro, que assustava e liquidava seus concorrentes, foi friamente liquidado por uma gang desconhecida, anos depois.



ALESSANDRO MACHADO

Alessandro José Machado, natural de São Miguel D'Oeste/SC, filho de oficial do Exército Brasileiro, estudou na escola municipal Nossa Senhora de Fátima, em Curitiba (primário), no Colégio Militar de Curitiba (ginásial e segundo grau) e na Academia de Polícia Militar de Santa Catarina, Curso de Formação de Oficiais.

Cursou Direito na UNIVALI e pós-graduação na UNISUL.

Ingressou na PMSC em 1992, servindo no 1º Batalhão em Itajaí, e desde 2001 no Batalhão de Aviação da PMSC.

Além de Comandante da 2ª Companhia do BAPM, é oficial de Segurança de Voo formado no CENIPA da Força Aérea Brasileira, Instrutor de Voo e Examinador Credenciado pela ANAC. Atualmente possui 3.800 horas de voo.

É autor dos artigos científicos "Confrontos Armados envolvendo Aeronaves Policiais", publicado na Revista Ordem Pública (2013) e "Razão e Direito" na Revista da Unisul (2010). [

É autor de quatro livros publicados, " Conhecimentos Gerais dos Helicópteros" (2011), " Operação Santa Catarina" (2012), " Águia Urbana"(2013) e "Abordagens Emotivas - poesias" (2016).

É membro efetivo da Academia de Letras dos Militares Estaduais, ocupando a cadeira 24, cujo patrono é o poeta desterrense Luiz Delfino dos Santos.

Desde outubro de 2017 é membro efetivo da Academia Joinvilense de Letras

## INSÓLITA CÓLICA

Eram idos de uma década passada. Início de experiência no comando da aeronave da Polícia Militar. Época de descobertas geográficas e operacionais a serviço do Estado catarinense.

Nesses dias de estudo, cada ocorrência nos obriga a ter o máximo de atenção e consciência situacional. São dias muito diferentes uns dos outros – e situações das mais diversas.

Certo dia, final de semana com certeza, estávamos muito à vontade nas pobres dependências de uma Base em construção, quando o som que faz sentir frio na barriga dos novatos tocou. O celular do segundo piloto em comando, conhecido em termos técnicos na aviação policial como “Comandante de Operações Aéreas” tilintou. Era o “batsinal” para um atendimento de ocorrência.

Naquele final de semana, devido à entrada de uma frente fria, o dia, que estava manso e sereno na sua escalada matinal, transformou-se em uma buliçosa tarde de verão com ventos muito fortes.

Nosso chamado era da Central dos Bombeiros Voluntários de Joinville. Havia uma pequena embarcação, de aproximadamente 16 pés, com três pescadores em perigo, pois a informação dava conta de que estavam fazendo água. Era de se imaginar como estaria a Baía da Babitonga, com a previsão. que logo se confirmaria. de mar agitado e ondas grandes. A Baía normalmente é de águas calmas, sendo a maior preocupação dos usuários o conhecimento dos mais diversos canais, a fim de que não encalhem em bancos de areia.

Como de costume, a tripulação de voo lançou-se lepidamente ao encontro do pássaro de ferro. Em questão de parcos instantes a decolagem já havia sido feita.

Com velocidade aproximada de 125 nós, a chegada à Baía da Babitonga fez-se em questão de minutos. Com altura

suficiente para visibilidade de uma grande área, logo foi possível localizar o barco perto de uma grande pedra oval, abalroada pelas ondas da maré que enchia.

Voando em círculos, mantendo contato visual com os três pescadores, fizemos o planejamento de como seria a operação de resgate. O barco já estava com uma preocupante quantidade de água, e os homens com feições desesperadas tentavam em vão com canecas e com as mãos retirar a água que entrava. Imediatamente supusemos que havia uma avaria no casco, provavelmente relacionada à pedra que estava a poucos metros deles.

As águas estavam agitadas. Era como se a mãe do filho-peixe irradiasse um arroubo de mau humor. A missão teria que ser cumprida.

No alto, um homem vestido de neoprene amarelo pendurado na porta da aeronave sinalizou aos pescadores para que se aproximassem da pedra. Era certamente um procedimento perigoso, pois havia o risco de colisão e dano com esse procedimento. Mas não havia outro jeito.

Remaram. Em instantes estavam tentando fundear a embarcação que colidia lentamente com a face ondulada da formação rochosa, que mais parecia uma enorme bola enterrada na água até a metade.

Nesse intervalo de tempo, em uma manobra em que se coloca apenas um esqui apoiado na pedra, do Águia 01 desembarcou um militar multimissão. Pode assim, de forma segura, auxiliar no desembarque das três pessoas na pedra. Um deles, ainda não identificado relutou em sair, sendo convencido pelos colegas que era a sua melhor opção.

Estavam assim aqueles quatro homens no cocuruto da rocha, aguardando a retirada. Logo a aeronave se aproximou e um a um foram embarcados, ficando solitariamente aquele bravo soldado que os auxiliara. Ocorre que na parte de trás da

aeronave, aonde vão os passageiros, cabem apenas quatro pessoas, e já havia um militar a bordo.

No caminho de retorno à Joinville, onde os resgatados seriam deixados no píer do Iate Clube da cidade, em um aprazível bairro de notável gastronomia marinha, chamado Espinheiros, foram questionados sobre a situação em que se encontravam. Foi aí que a parte inusitada dessa história começou.

O planejamento da pescaria vinha de tempos atrás. Colocaram em prática na noite anterior, onde em uma reunião paroquial combinaram um encontro no Iate Clube para, no barco de um deles, se regozijarem em agradável lazer no rio Cubatão, que desemboca na Baía da Babitonga.

Tudo ia dando certo, horários cumpridos, apetrechos de pescaria a bordo, iscas e tudo mais. Como bons amadores, não atentaram para a previsão meteorológica, e focaram apenas na visão maravilhosa e fascinante de uma Baía radiante com o brilho intenso da luz solar rebatendo no espelho d'água.

A manhã passou rápida como a juventude e logo no encetar da tarde o vento começou a soprar mais forte e o mar outrora sereno passou a estapear o casco do pequeno barco. Decidiram então que seria o momento de voltar ao ponto de partida. Porém – sempre existe um porém em histórias como esta – o religioso que estava a bordo, inteirou os demais que necessitava de forma urgente e inapelável dar uma “barrigada”.

Com revelação inusitada, logo surgiram muitas ideias de como fazê-lo. A maioria, que consistia nos dois outros ocupantes, queria que a operação fosse realizada com o barco em movimento, à moda antiga como nos galeões portugueses que aportaram no Brasil há mais de 500 anos. Consistia simplesmente em arriar a calça, sentar na parte lateral do barco deixando apenas as pernas do lado de dentro e aliviar a pressão. Só não se sabe se teria um cabo de sisal desfiado para a higiene depois.

Essa ideia foi refutada pela parte que sofria. O religioso, pessoa muito conhecida na cidade pelo seu carisma e extrema bondade, naquele momento mostrou-se contrariado e ofendido com a proposta. Queria a todo custo que atacassem naquela pedra, a mesma onde foram resgatados, e ali aliviaria sua insólita dor.

Tentaram uma primeira aproximação e não conseguiram. Tentaram uma segunda e assim que o padre subiu na pedra a embarcação levou um violento golpe das águas e chocou-se na face ondulada da rocha. Quebrou o casco e começou a entrar água. O desespero tomou conta de todos, e enquanto um acorrava na pedra, os demais freneticamente enchiam tudo o que podia servir de balde para impedir que afundassem.

Telefonaram para o Corpo de Bombeiros, que imediatamente nos acionou. Em questão de menos de 10 minutos já havia socorro vindo com céu para ajudar.

Caso resolvido, porém ainda tínhamos que resgatar nosso companheiro que ficara na pedra. Retornamos ao local e logo avistamos aquele guerreiro em pé na pedra com cara de poucos amigos. A índole jocosa inerente aos que trabalham nesse ramo veio imediatamente à tona.

Assim que embarcou, já nos fitou com ironia, sem saber o porquê da nossa zombaria; e, com pés molhados que acabaram de ser lavados, disse que pisou em um grande objeto mole e eivado de graveolência, que só poderia ter vindo de um elefante voador.

Mais um caso de que nem tudo é verdade, onde, até na aviação militar, o povo aumenta, mas não inventa.



CARLOS ADAUTO VIEIRA

*Presidente da Academia Joinvilense de Letras de 2013 a 2016, o acadêmico Carlos Adauto Vieira é advogado e economista (Faculdade de Direito de Santa Catarina; Faculdade de Ciências Econômicas de SC e da FURJ).*

*Desde 1957, colabora em jornais: O Estado do Paraná, Gazeta do Povo, Tribuna de Santos, A Notícia, Jornal de Joinville, O Município (Brusque), Sol de Camboriú, Folha Acadêmica, Folha do Litoral, Tribuna de Santa Catarina e Gazeta das Praias, de São Francisco do Sul - escrevendo artigos sobre direito, sociologia, política, economia, literatura e história. É colunista de A Notícia desde 1958.*

*Foi presidente do Conselho Municipal de Cultura por várias vezes. Nesta condição, implementou os projetos de recuperação da Estação Ferroviária, da Shokoladenfest, do Festival da Canção de Cervejaria, do Memorial da Empresa Joinvilense; da edição de livros de Adolpho Bernardo Schneider, Elly Herkenhof, e Carl Julius Parucker; da reedição da ‘História de Joinville’ de Carlos Ficker”; e de “Às margens do Cachoeira”, de Augusto Sylvio.*

*Manteve colunas dominicais sob os pseudônimos de Charles D’Olençer e Heliodoro Luiz.*

*Publicou quatro livros – “Aos Domingos, crônicas”; “Saborosas Estórias Curtas de Charles D’Olençer”; “Europa sem Programa”; e “Contos e Crônicas”.*

*Em 2012 a cidade prestou-lhe um grande tributo, com a instalação da Ponte do Charlot, sobre o Rio Cachoeira, pela Prefeitura de Joinville, homenagem secundada pela Câmara de Vereadores e pelo Poder Judiciário de Joinville.*

## A CRIAÇÃO DO VELHO VENTO VAGABUNDO

O Senhor encerrou as suas tarefas, no fim da tarde do sexto dia e retornou a sua Eterna Oficina. À entrada sacudiu as alpercatas, sujas de poeira das estrelas. Olhou para trás, examinou toda a sua Obra e viu que era boa. Foram seis dias de trabalho duro para tirar do caos aquele paraíso. Sorriu satisfeito e entrou. O sétimo seria para descanso e santificado por isso. Ganhou um susto.

A Eterna Oficina estava revirada, como se alguém houvera ido ali para mexer no resto do material utilizado para fazer o Universo.

Percorreu com os olhos cada canto, mal adivinhando quem fizera aquilo.

Lá estava o arteiro: Seu próprio filho, Jesus.

– Filho, que estás inventando?

– Pai, não estou inventando, mas tentando copiar o Teu. Uma miniatura. Vê que legal! Só com as sobras do Teu Universo.

Estava ali um menino louro de cabelos encaracolados, que seria personagem de grandes mistérios, de profundas e demoradas pesquisas, de grandes paixões e de grande poder. Um divino mestre. Arquitetando um minimundo.

Pediu explicações e ficou observando.

O Menino as foi dando, ao mesmo tempo em que modelava o que pretendia :Um minúsculo continente com praias maravilhosas, morros de suave subida, mata variada, com árvores frutíferas e ornamentais, lagoas, dunas, rios curtos, cachoeiras baixas.

Onde pretendes colocá-lo? No Meu?

Dentro do mar, próximo ao continente. Ali! – apontou com o dedo rechonchudinho para o local.

O Senhor ficou contente com a decisão do Menino. Acariciou-o em gesto de aprovação a cabeça, coroada ainda de

cabelos encaracolados, a qual, anos depois, seria coroada de grosseiros e dolorosos espinhos.

Logo em seguida surgiram alguns amiguinhos, que, sempre, vinham fazer-lhe companhia e brincar com ele. Mostrou-lhes o seu projeto e os deixou fascinados e ansiosos para o levar ao mar.

Vamos – disse Cadu, o mais apressado sempre com as brincadeiras.

– Calma – ponderou Guilherme, com aquela sua peculiar calma filosófica adquirida – temos de arrematar alguma coisa, dar-lhe mais estilo. Precisa de acabamento de primeira. Ficou muito lindo, mas temos de garibar. Aproveitaremos a Ana Carolina, a Luizinha e a Camila que tem bom gosto e amam apaixonadamente decoração. Depois, sim...

– Mas isto pode ser feito lá mesmo, onde vai ficar.

– Vocês dois tem razão. Vamos colocar e depois dar os retoques finais. Quando as três podem vir

Depois de estar tudo dentro d'água, no lugar definitivo, carregaram a miniatura para dentro do mar, próximo ao continente e a deixaram livre, permitindo que as águas a rodeassem. Logo se formaram, em todo o redor, enseadas, baías, ilhotas, golfinhos, penhascos, escarpas, grutas e manguezais. E mais de 40 praias, todas diferentes e lindíssimas.

– Vamos ancorá-la, senão pode ir embora como aquela do Saramago – acautelou Cadu, cuja estatística de leitura espantava a todos.

– Lançar âncora e todas as amarras, marinheiros! – ordenou o primo alemãozinho Phillip, preocupado com a segurança, como todo o bom alemão.

– Virou uma ilha! – exclamou Cadu aos pulos, cheio de alegria e entusiasmo. E com duas baías enormes. Uma do sul, outra do norte. Joia!

– E que linda dentro do mar. Caiu bem. Acho que, até, o

Teu Pai vai ficar com uma pontinha de inveja. Pelo menos, um pouco de ciúmes – filosofou Guilherme.

Arremataram o que poderiam arrematar, esperando que as meninas viessem dar-lhe aquele toque feminino de charme. Elas vão saber fazer. Um tchan. É só que falta.

Já pensaste em quem vai morar aqui?

O Pai já bolou: Manézinhos!

Manézinhos? Perguntaram-se e se entreolharam surpresos.

Sim, segundo lí no memorial descritivo do projeto, será o *Homo Insulae*. Vai ser um tipo. Diferente. Original.

Bom, já perdemos muito tempo, vamos brincar, um pouco, então. Que tal ir tomar sorvete na Lua? – sugeriu o Menino

Enquanto subiam ao espaço, segurando-se nas mãos de Jesus e se afastando da Terra, olhavam para trás e para baixo.

– Olhem, a Terra está azul! – gritou Guilherme, maravilhado admirando-a.

A lua era sempre uma tentação, feita de creme de baunilha, chocolate e coco ralado. E daquele tamanho. Ficavam voando e sobrevoando-a, fartando-se. Depois iam bronzear-se perto do Sol. Ou tomar banho de chuva das nuvens aos últimos raios do sol poente. De que tanto o primo alemãozinho Phillip gostava. Quando a noite começava, colhiam punhados de estrelas maduras, brincando com elas de vagalumes, acendendo-as e as apagando.

Ao desceram, já encontraram as meninas examinando a Ilha e fazendo projetos de retoques para ela.

– Faltam verdes: couve, rúcula, alface, espinafre, alfavaca, orégano, manjeriço, cebolinha, salsa – observou Camila. Como vamos temperar os nossos cozinhadinhos? Precisamos de uma boa leira.

– Acho que nas árvores deveria haver orquídeas. Dão aquele diferencial – lecionou Carolina, designer de moda, formada em Milão e Turim.

– Tou mais interessada é nos bichinhos – cachorrinhos, gatinhos, galinhas, marrequinhos, cisnes, garças, gaivotas, siris e caranguejos – explicou Luizinha. E coelhinhos. Sem coelhinho, como vai haver Páscoa?

– O Pai tem tudo no almoxarifado da Oficina.

Tão distraídos, não viram por perto, em longas conversas, Lúcifer e Judas. Que estariam tramando? Logo saberiam.

Os dois, Judas e Lúcifer, em conluio, foram às nuvens e, capciosamente, as convidaram para virem apreciar o minimundo do Menino. E elas vieram e se encantaram com a beleza daquele pequeno universo. Mas eram tantas, que se precisavam acotovelar. E aquele acotovelamento, aquele atrito, carregado de eletricidade, começou a provocar faíscas, relâmpagos, raios, trovões e, final e infelizmente, chuva. Chuva e mais chuva. Um dilúvio!

Sobre a ilha, encharcando-a, fazendo transbordar as lagoas serenas e os curtos rios, engrossar as delicadas cachoeiras, desbarrancar os suaves morros, levando as árvores, sujando as maravilhosas praias. Uma destruição iminente e total.

Os meninos, diante da tragédia, correram à Eterna Oficina, contando tudo ao Criador.

– Pai, faça alguma coisa, salve o nosso minimundo – implorou o Menino.

O Senhor, calmamente, tomou um enorme saco de plástico, meio que fechou a sua boca, e soprou, fortemente, para dentro, esvaziando o poderoso pulmão.

– Vão lá e, colocando a boca dele contra as nuvens, em direção ao norte, sentem em cima.

Voaram agarrados à mão do Menino. E fizeram o ensinado pelo Criador.

De dentro saiu um vento forte e espalhou as nuvens por todo o firmamento, levando-as para o norte.

Stelinha, a mais nova, apontou o dedinho gorduchinho para o horizonte.

– Olhem aquele arco colorido! Tem sete cores!

Todas as vezes que as nuvens se acumulam sobre a Ilha, ameaçando-a, de novo o Velho Vento Vagabundo do Sul as espalha e faz surgir o Sol, protegendo a própria garganta com um cachecol de nuvens, e o Arco realçando a sua inestimável beleza com matizes de ouro sobre azul.



**SALUSTIANO DE SOUZA**

SALUSTIANO LUIZ DE SOUZA nasceu em Itajaí, SC, vindo radicar-se, desde criança, na cidade de Joinville, onde reside até hoje.

Leitor assíduo desde tenra idade, possui formação acadêmica em Economia e Direito, com especialização nas áreas de Economia Industrial, Direito Empresarial e Direito Previdenciário.

Exerce a profissão de advogado, tendo sido o fundador e hoje sócio do escritório de advocacia Souza Postai Advogados Associados, de Joinville.

Com atuação profissional em diversas empresas, foi também professor universitário durante vários anos, lecionando nas áreas de Economia, Administração e Direito.

Publicou diversos artigos e contos em periódicos e jornais. É autor dos romances “O ETERNO BARNES” e “AS SETE LUAS”.

É o diretor financeiro da Academia Joinvilense de Letras

## A TRISTE SINA DE ALTAMIRO

Altamiro era pacato. Também pudera, criado nas lides do fumo, lá nos cafundós de São João Batista. Na realidade era de Tijipió, mas tinha vergonha de dizer. Se bem que pacatez não era desculpa, tinha irmãos bem desenxabidos. Não havia o que explicar, ele era assim e pronto. Mas era trabalhador.

O certo é que na tarde mourejante de forte sol ouviu o altofalante da Kombi da Tupy ofertando vagas naquelas bandas, “Joinville deve ser linda”, pensou e decidiu-se. “Vou trabalhar na Tupy”, falou no acender do lampião, sentando à mesa na espera da sopa e pão. Olharam-no, como se estranho fosse, os demais 11 irmãos. “Você nem o mais velho é” falou a ternura na voz de mãe, renunciando a perda. “Deixa o rapaz, a vida ensina”, predisse, na voz grossa, o pai, arrematando, “saiu daquela porta só entra como visita”.

Assim Altamiro, de parca bagagem e quase dezoito, largou-se pela estrada poeirenta, deixando a perplexidade nos olhos dos irmãos sem coragem para tanto. Nos pais calejados incutiu a dor da perda. Abrigou-se no começo do Boa Vista, na pensão da Dona Juveci, oriunda também daquelas bandas. Só de conhecidos, ela mais o marido Varte, fundaram um quase cortiço.

Quase fazia nada, trabalhava e dormia. Nas missas de padre Felício, em domingos de ócio, comungava vestindo macacão azul, clarinho e luzidio. Roupas outras não tinha, o macacão era melhor que as roupas rasgadas do tempo da roça. E depois de quarado no sol e lavado com pedra de sabão de cinza ficava tinindo, ainda mais se passado no ferro à brasa.

Domingo não era domingo se não tivesse maionese. Isso Dona Juveci fazia questão. Às vezes tinha até gasosa, que fazia bolhinhas quando se abria a chapinha. Depois, no mormaço das

tardes, assistia, na única televisão da rua, o moço Silvio Santos, engraçado com seu cabelo de brilhantina. Às vezes, à noitinha, juntava moleques para assistir Chacrinha ou A Praça da Alegria. Isso quando o seu Varte não aparecia bêbado, colocando todo mundo para correr.

Na segunda, às quatro e meia, pedalava sua rotina rumo à Tupy, com o macacão ainda brilhando. Voltava no anoitecer, caprichava nas horas extras. O luzidio da roupa durava pouco, trabalhava na macharia, o óleo espirrava, preteando o azul da roupa e a tez do rosto. O macacão só ia ver água no próximo sábado.

Não via mulher, tinha vergonha. Provável que era casto. Se falassem intimidades, corava qual camarão na brasa. Mas era homem, não tinha trejeitos. Discreto, ninguém sabia se guardava dinheiro ou se levava para casa, nas férias únicas do ano. Com certo orgulho confirmava seus quase dez anos de empresa, quando ganharia relógio de pulso, prêmio de dedicação.

Por essa época algo diferente reboiçou a rua, tumultuando a placidez. A mulher do Coceira, mais duas filhas, fundaram uma zona ali perto. Isso mesmo, casa de baixo meretrício. O Coceira, baixinho e manco, viu-se escorraçado com os filhos menores. A mulher com as duas filhas passaram a receber clientes na casa pintada de nova, na rua da prainha. Alzira, a mais velha, podia se dizer bonita. E, na família de mulatos, era a única de pele inexplicavelmente clara.

A casa prosperou, grande parte dos salários dos arredores, a maioria oriundos da Tupy, eram canalizados para amainar os desejos não confessados de maridos escondidos. Dia dez, quando saía o pagamento, a casa lotava. Quase não tinha lugar para encostar as bicicletas.

Num começo de noite, desses que a memória não guar-

da data, Altamiro demorou-se. O pirão com sardinha, reservado para a janta, esfriou no canto do fogão à lenha. Dona Juveci, qual galinha choca, aguardou na preocupação. Altamiro só chegou depois das dez. Ao olhar inquiridor baixou o seu. Mas com meio sorriso nos lábios. Nada disse, nada lhe foi perguntado dos atrasos dos dias que sucederam.

Em menos de mês Altamiro trouxe Alzira para compartilhar a solidão. Deu quiproquó, Dona Juveci não aceitou a quenga, digo, a moça. Altamiro não fez por menos, aboletou as trouxas na bicicleta, com Alzira na garupa, sumiu na noite. Antes pagou o aluguel, mês cheio, que Dona Juveci de boba tinha nada.

Poucos dias e todos sabiam que Altamiro comprara a casa do seu Dezassete, que pequena ficara para o aumentativo de filhos. Por isso o tinham apelidado assim. Nos domingos pós-missa, assistida envergando o novo relógio da Tupy, Altamiro pintou casa, fez horta e criou galinhas poucas. Dava gosto o capricho na casa nova que até televisão tinha. E vitrola também, onde Lindomar Castilhos cantava “Entre tapas e beijos”. Para Altamiro o céu que padre Felício pregava era seu ninho, de onde negaceava sair para trabalhar, após beijos e cafunés de Alzira.

Numa certa segunda-feira Altamiro acordou mal. Talvez a carne de porco, talvez a batida de maracujá, alguma coisa estrebuchou seu bucho. Quase não dormiu nas ânsias, recusou café e chamegos e saiu trôpego na manhã fria de frio suor. Tentou trabalhar, mas no avançar da manhã a vista turvou e estatelou-se na vertigem. O médico deu atestado, lançando os primeiros garranchos na ficha até então imaculada. A contragosto voltou para casa.

Era estranho, pessoas estranhas em horário estranho, na rua Albano Schmidt, que agora curvejava estranha. Chegou e

viu a bicicleta encostada na cerca. Pé ante pé, deu com os bofes em Alzira mais Zé das Cobras, marido de Cunegundes. O dito, que morava atrás da venda do seu Jomaia, pulou a janela e chispou morrinho abaixo.

Tresvariado, Altamiro valeu-se da cinta de couro cru e sovou Alzira, marcando suas pernas nuas com a vermelhidão da vergonha. Expulsa de casa, viu-se abrigada no prostíbulo da mãe, enquanto Altamiro entranhou-se na solidão. Tentava evadir-se da chacota, que a essas alturas colocara a circunvizinhança em polvorosa. Quiçá por conta disso, a procura por Alzira avolumou-se, a ponto da mãe leiloar melhor preço.

Altamiro amou-se, calado a contemplar suas tralhas, agora pouco cuidadas. Passados meses, num final dessas tardes que a saudade dói mais forte, Alzira adentra à casa, pasmando o estupefato Altamiro. “Vim te ver”, sorriu ela no oferecimento de abraço. Ele, dissipando o estupor, a tomou nos braços e, no frêmito que percorreu a pele faminta, a possuiu. “Estou prenhe de ti”, revelou, jogando propositadamente o cabelo para trás. “Volta pra casa”, suplicou ele na ingenuidade da criança que ainda era.

Dormiram afeiçoados, despertados pela mãe de Alzira em brados. “Tem cliente pra ti”. Ao saber do reatamento, deu de dedo em Altamiro: “Tu nunca mais levante a mão pra ela”. O céu desceu, transformando a casa em paraíso. Ele, descartando recomendações de amigos, viu o filho nascer com cara do Zé das Cobras.

Já quase ano o menino tinha quando Altamiro recebeu telegrama, o pai se finara. No pedalar para casa ansiou chorar. “Homem não chora”, pensou no encostar da bicicleta. Tomou susto. Alzira, em risadas, montava Tonhão, dono da padaria. Atônito, Altamiro o viu passar por baixo de suas pernas, com as

calças na mão, ganhando a rua. Puxou da cinta, mas presentiu o dedo em riste da mãe dela. Desabou sobre a cama a chorar qual petiz perdido. Nua ainda, ela alisava seus cabelos. “Só amo você”, doceava na voz de sereia, “ele apenas traz pão”. Saindo da letargia ele pespegou-lhe um tabefe. Alzira tomou a mão que lhe ferira e a conduziu ao seio. “Você é meu homem”. A ternura do gesto e o entremear da mão pelas carnes atiçou-o. Ofertando o paraíso, ela conduziu-o ao céu, facultando-lhe o ventre de prazeres em veladas promessas. Loucamente amaram-se, enquanto a vitrola espinafrava: “Entre tapas e beijos / é ódio, é desejo / é sonho, é ternura...”

Voltando do enterro do pai, Altamiro ouviu confidência: “Estou de barriga”. Fitou-a de olhar triste, mas o sorriso de dentes alvos amainou o pesar da dúvida: “É teu”. Mas o menino nasceu com cara de Tonhão.

Passou dias e Altamiro trouxe a mãe para morar junto, em casinha de fundos. Por respeito, já que o lar é sagrado, Alzira passou a trabalhar no puteiro da mãe. Ele sempre foi diligente com os cinco filhos, apesar do “nenhum puxou o pai”. Ao pé da vitrola, Altamiro reconforta-se na música que mais gosta: “E assim vou vivendo / sofrendo e querendo / esse amor doentio”.

[



WILSON GELBCKE

*Wilson Gelbcke nasceu em São Paulo, em 1933, radicando-se em S. Catarina no ano seguinte. No campo da Comunicação, em Curitiba, criou departamentos de propaganda para as empresas Ancora (1953) e Madison (1956), voltando para Joinville em 1962, contratado pela Indústria de Refrigeração Consul (hoje Whirlpool), para gerenciar os departamentos de Propaganda e Comunicação Social.*

*Em 1992, foi para São Paulo como Assessor de Comunicação Corporativa de todo o Grupo Brasmotor. Fez cursos de Marketing e Planejamento de Produtos, inclusive nos Estados Unidos, pela Whirlpool. E aposentou-se em 1994, passando a se dedicar à literatura e artes plásticas.*

*O primeiro livro de W. Gelbcke foi "A Máscara de Capelle", em 1997. E não mais parou de escrever romances, livros juvenis, contos, poemas e biografias... num total de 17 obras.*

*- Romances: A Máscara de Capelle, Vindita do Historiador, A Terceira Moeda, Ás de Ouros no Mundo da Comunicação.  
- Juvenis: Esses Duendes Tão Míopes, Por um Rio Você Pode Fazer Milagres, Quatro Anjos e Quatro Destinos.*

*Contos e Poemas: Causos de Minha Cidade, Receita Para o Amor.*

*Biográficos: Primavera em Pleno Verão, Reflexões ao Longo de uma Vida, Sangue Suíço...Coração Brasileiro, Do Cantão para Joinville, Obras de F.Frick na Catedral da Sé, Fascinante Viagem pelo Mundo, 60 anos do CEAJ, Tudo por Joinville.*

*É também membro da Associação das Letras, Confraria do Escritor e da AAPLAJ - Associação de Artistas Plásticos de Joinville.*

## O CATADOR DE PAPEL E O RIO

Cercada pelas montanhas, a bela e pacata cidade se aninhava no colo do verde vale, qual jardim florido e protegido por ventos alísios vindos do mar. Do elevado mais próximo, ali do mirante, bem se podia ver o traçado perfeito das ruas e alamedas, tapete mesclado de construções típicas com tantas histórias para contar...

Sobre a saga dos primeiros colonizadores, dos imigrantes do além-mar, da luta daquela gente e de sua crença inabalável de que um dia a vila se transformaria no cenário que ali estava. Vestígios indelévels de uma cultura que haveria de resistir às mudanças advindas do progresso ferino e inevitável. O importante para seus orgulhosos habitantes era não perder as origens.

Não estou exagerando... Era possível sentir em cada um deles o amor pela cidade de muitas flores, de lindos jardins e de tantas histórias para contar. Um panorama digno do mais belo cartão-postal, não fosse aquela mancha escura a serpentear a cidade de lado a lado... A bela cidade e o seu rio poluído!

A culpa? De ninguém... é claro! Todos eram capazes de jurar que aquela mancha escura foi simplesmente aparecendo ao longo dos anos, sem que ninguém fizesse nada para que isso viesse acontecer.

E lá ia aquela mancha a cruzar toda a cidade, da periferia para o centro e de volta à periferia. Ali, onde havia uns casebres de gente humilde como o Beto, garoto de doze primaveras mal vividas e que dava um duro danado para ajudar o pai a catar papel velho pelas ruas da cidade.

Naquele dia ele não estava catando papel. Não numa manhã clara de um domingo promissor, quando já estava tudo programado... Depois da missa na igrejinha do bairro, Beto trocou de roupa, pegou o estilingue, juntou alguns pedregulhos e foi para a beira do rio. A correnteza estava boa, como ele

queria. Quanto mais rápidas latas e garrafas plásticas fossem levadas pela correnteza, maior desafio de acertá-las.

Beto era um craque com o estilingue. Mão firme na forquilha, pedregulho ajustado na braçadeira de couro, borracha esticada na altura do olho e o arremesso certeiro. Não importava a distância e ele ia contando mentalmente os pontos. As latas contavam mais, meio submersas eram alvos mais difíceis. Não errava nas garrafas plásticas, quase sempre à flor d'água.

Beto não percebeu o pai se aproximar. Havia uma expressão de tristeza naquele homem levemente curvado. Olhou para o filho e pareceu ver a si próprio naquele lugar.

– Sabe, Beto... Quando tinha a tua idade, eu pescava peixes enormes neste rio.

Beto arriscou um olhar, acompanhado de um sorriso maroto.

– Está brincando, pai? O rio está morto!

O pai pareceu não escutar. Estava no passado ao continuar a falar.

– Certa vez, lembro-me bem, um deles deu uma arrancada tão forte que arrastou o anzol rio abaixo. – E o movimento do braço trêmulo ajudava a explicar. – A linha esticada correu de uma margem para a outra e eu sabia que o baita estava bem fígado, pois levei quase uma hora para tirá-lo do rio. O bicho tinha pra mais de dez quilos.

– Está sonhando, pai?

– Pura verdade, filho! Bons tempos aqueles...

O garoto esticou as borrachas do estilingue e acertou outra garrafa boiando no rio. E nem viu o bando de garças brancas passando sobre eles, longas asas num bater cadenciado e cabeças encolhidas, pernas esticadas para trás.

– Lá vão elas pra bem longe – comentou o pai, olhar tristonho. – Lindas de morrer, elas costumavam brincar ali no outro lado quando as margens eram ainda verdes e as águas

cristalinas.

Foi vez de Beto nada escutar, olhar perdido no rio.

– Dez quilos... Verdade mesmo?

O pai já havia lhe dado as costas, saindo de mansinho e resmungando como só ele sabia fazer.

- Bastava linha forte, anzol e uma minhoca daquelas bem criadas. Os peixes se foram... Só ficaram as minhocas lá no fundo do quintal.

Beto esperou o pai desaparecer entre os salgueiros e, incrédulo, sacudiu a cabeça. Peixe pra mais de dez quilos naquele rio sujo? Voltou-se e viu a garça branca na outra margem. Sorriu. Seria um presságio? A garça dava uns passos trôpegos entre lama e galhos secos, mantendo olhar fixo para águas não convidativas.

Beto colocou o estilingue no bolso e viu-se caminhando para o fundo do quintal, pois era ali que as minhocas deviam estar. Não foi preciso cavoucar muito para achá-las, bem criadas como o pai havia dito.

Linha e anzol? Encontrou-os, abandonados lá no velho rancho de madeira.

De volta ao rio, notou que a garça ainda estava lá. Podia jurar que ela havia olhado para ele, desejando-lhe sorte. Beto escolheu uma minhoca que peixe algum rejeitaria e espetou-a cuidadosamente no anzol. A outra extremidade balançando em bom tamanho para atrair o peixe.

O arremesso foi cheio de esperança, mas os longos minutos de espera foram acabando com a esperança. Do outro lado da margem, a garça fez um movimento gracioso, batendo as asas e voando. Absorto e desanimado, Beto acompanhava com o olhar o vôo da garça quando sentiu o forte puxão.

A linha começou a correr e ele deu um pulo de alegria. Um novo puxão e a linha esticada, exatamente como o pai havia contado. Era preciso segurar forte, ou o baita acabaria

escapando. Beto sentiu o coração disparar. Devia ser um peixe enorme. Talvez pra mais de dez quilos...

– E o pai disse que eles não estavam mais aí!

O puxão continuava. Beto tentava recolher a linha que se mantinha esticada e aos solavancos. Estava lutando há mais de vinte minutos, quando a linha mudou de direção e procurou a margem. Não trepidava como antes e já era possível recolher parte dela.

– Está cansando, peixe? – gritou Beto, eufórico.

Com auxílio de um pedaço de pau, ele foi enrolando a linha e sentindo que o peixe já não fazia tanta resistência. Era apenas o peso que vinha sendo recolhido junto à margem. Devia estar perto... Mais um pouco e a cabeça do baita ia aparecer.

E finalmente apareceu, ainda mais escuro do que aquele rio. O velho pneu estava bem fígado. Beto sentiu os joelhos dobrarem e sentou-se, desolado. Ficou olhando para o rio, vendo os detritos na superfície levados pela correnteza. E o que não era visto?

Sabe Deus o que ia aos roldões nas águas profundas, iguais aquele velho pneu!

– Pobre rio – murmurou Beto, procurando compreender.

– Morrendo faz tanto tempo e ninguém fazendo nada para salvá-lo.

E jurou que não usaria mais o estilingue naqueles alvos letais. Ação contínua, ele levantou-se e começou a recolher os detritos presos à margem, surpreendendo-se com a quantidade de lixo retirado do rio moribundo, em poucos minutos.

– Conte comigo, rio! – acabou gritando. – Vou salvá-lo!

Uma promessa e tanto. Beto foi construindo um pequeno dique com tábuas velhas na beira do rio, sem ninguém entender onde ele queria chegar. Quando o dique começou a reter o lixo da superfície, todos entenderam... Mas, nem por isso, alguém ajudou. Beto ia fazendo a coleta diária e

umentando o monte de lixo longe do rio, o pai observando e dizendo:

– Isso não é trabalho para uma só pessoa, filho! Jamais conseguirás tirar todo o lixo do rio.

– Se cada um fizer sua parte, a gente salva o rio – respondeu ele, seguro de si.

O pai sorriu e estufou o peito, cheio de orgulho.

– Pois acabas de conseguir o primeiro aliado!

A operação “Salve o Nosso Rio” estava lançada. Beto e seu pai, munidos de esperança, começaram a visitar os vizinhos mais próximos na certeza de que a operação em cascata ao longo das duas margens seria um sucesso. O rio passaria a ser respeitado.

Nenhum despejo, nenhum lixo, nada mais voltaria a ser jogado no rio. Era uma boa idéia e estavam todos de acordo, só não entendiam porque haviam sido procurados.

– Nunca joguei nada no rio – disse um.

– Bateram na porta errada – comentou outro.

– Isso é problema da Prefeitura – concluiu o terceiro.

– Vocês são catadores de papéis?... Que catem papéis!

E aquela mancha escura aparecendo ao longo dos anos iria continuar, sem que ninguém fizesse nada para limpar o rio. A operação “Salve o Nosso Rio” acabou ficando apenas como uma boa idéia. Beto foi para a beira do rio, numa das mãos o estilingue e em cada olho uma lágrima.

– Sinto muito, rio. Você vai morrer!

Então ele a viu. Aquela mesma garça branca, tentando pousar. A margem estava tão poluída que ela bateu asas e alçou vôo, para não mais voltar. Beto olhou para o monte de lixo que havia retirado do rio e se encheu de coragem. Pegou o carrinho de carregar papel e começou a enchê-lo até em cima com latas, garrafas plásticas e toda a sorte de detritos.

Sem nada avisar ao pai, Beto conduziu o carrinho pelas ruas da cidade até a praça central. Ali, na parte descampada,

entre as flores, despejou toda a carga ante os olhares perplexos. Um escândalo!

As autoridades... A imprensa... O povo... Todos contra o catador de papéis. E Beto se defendeu:

– O rio não é diferente da praça. Ele tem o mesmo direito de estar limpo, de recusar que lhe depositem lixo e despejos. Tem o mesmo direito de ser cuidado, de ser admirado. Tem o mesmo direito de continuar vivendo, porque antes da cidade existir, ele já existia!

**Sim, eu tinha doze anos quando isso aconteceu e me orgulho de ter sido catador de papéis. Ainda moro no lado do rio e, hoje, meu filho tem a idade que eu tinha.**

Beto se aproxima do filho, na beira do rio de águas claras. Ao lado dele, alguns peixes garantindo o bom almoço. Na outra margem, um bando alegre de garças brancas.

– No meu tempo, quando eu tinha a tua idade, não havia peixes neste rio. Apenas latas e garrafas plásticas que eu usava como alvos de meu estilingue.

– Está brincando, pai?



SIMONE GEHRKE

SIMONE SCHULER MEDEIROS GEHRKE é jornalista formada pela PUC/RS, pós-graduada em Administração de Marketing, Comunicação e Negócios, especialista em Gestão da Qualidade e da Produtividade e participante do International Program in Corporate Communications (Syracuse University/Aberje).

Natural de Porto Alegre, atuou como produtora e repórter em rádio, televisão, jornal e revista na capital gaúcha. Mudou-se para Joinville em 1992, onde foi repórter do jornal A Notícia e há 25 anos integra a equipe da EDM Logos Comunicação Corporativa, como diretora executiva.

Começou na literatura com poesias, na adolescência, quando teve trabalhos publicados no Correio do Povo (RS) e na Revista Família Cristã (SP). Durante muitos anos, escreveu contos ‘devesenquandários’. Foi vencedora da categoria conto/crônica no II Prêmio Joinville de Expressão Literária (2005) e participou de diversas coletâneas - como “Frestas”, com curadoria de Tabajas Rua (Sesc/2009), 5o. Concurso Literário de Conto (Sinergia/Florianópolis, 2005) e Contos Desamoraçados (Concurso Crispim Mira, Joinville, 1999).

Desde outubro de 2011, atua como cronista no jornal A Notícia, tendo publicando regularmente às terças-feiras, nos últimos seis anos, mais de 300 textos. É autora do livro de Crônicas “Percebes”, patrocinado pelo Edital Elisabete Anderle (2014) e coautora da biografia de Henrique Loyola (2012).

## A REVOLTA DOS SENTIDOS

O Dicionário acordou em pânico num dia qualquer, que se esqueceu de deixar registro no calendário (e por consequência, na história). Procurava dar conta de um movimento inusitado desde suas origens. As palavras, sempre tão disciplinadas e cientes da importância de manterem a precisão, acharam por bem exercer um tal direito de opção que provocou uma verdadeira Revolta dos Sentidos.

Uma das primeiras manifestações de rebeldia veio de Efêmero, que andava descontente com o caráter breve e transitório de sua forma. Queria mesmo era experimentar os atributos do Perene. Entediado com a promessa contínua de uma vida eterna sem desafios e sobressaltos, Perene aceitou de imediato ceder seu significado a Efêmero. Só tinha uma condição: que tivesse, ele também, a possibilidade de optar pelo que queria ser.

Não demorou muito para apropriar-se do sentido de Ousado, por quem nunca escondera uma ponta de inveja, encantado que era pelas promessas do risco. Ousado, por sua vez, entendeu que estava mais do que na hora de subir um degrau na escala de confiança que na maioria das vezes não o distinguia. Queria, mesmo, era ser Assertivo - o que, na sua muito humilde opinião, nada mais era do que aquele Ousado que havia dado certo.

Colocado na roda, Assertivo já preparava o seu pronunciamento para os colegas quando foi interrompido pela Inveja, que reclamou sua precedência por ter sido incluída na citação de Ousado. Inveja revelou que sempre tivera uma alma boa, infelizmente nunca compreendida, e que por isso desejava apropriar-se do espírito de seu grande ídolo, a Estima.

O Dicionário percebeu que estava perdendo o controle da situação quando Assertivo e Estima aumentaram seus respectivos tons de voz na disputa pouco amigável pela primazia na fala. A estas alturas, ele já havia identificado que o começo de tudo havia sido uma exposição excessiva do Livre Arbítrio sobre os seus generosos predicados.

Ciente de que seria necessária uma medida drástica para dar um fim à Revolta dos Sentidos, o Dicionário decidiu que não haveria alternativa além de cortar o mal pela raiz. Desta forma, expulsou de suas páginas o Livre Arbítrio (acompanhado de seus amigos mais próximos, a Vontade e a Escolha) e restabeleceu a conhecida e apreciada ordem que ainda hoje prevalece no Reino das Palavras.

## ACALANTO

– Menina, feche os olhos e durma!

Bobagem. Qualquer um sabe que o sono não vem dos olhos.

Tinha de começar por driblar os sentidos. Para que o paladar não se ressentisse por um gole de água; que o olfato não ficasse em alerta com um resquício de gás; que o ouvido não escutasse o zumbido de um mosquito; que ao corpo não faltasse coberta na medida exata (protegendo-o do frio sem lhe causar o calor) e que cada uma de suas partes encontrasse a posição perfeita de conforto, desligando os movimentos.

Este último era o mais difícil. Se as pernas se agradavam de um lado, os braços preferiam o outro e às costas era mais indicado um terceiro jeito. As idas e vindas para a esquerda e para a direita inspiravam mais uma proposta genial.

– Concentre-se, querida; conte carneirinhos ... um carneirinho pulou o muro, dois carneirinhos pularam o muro, três...

Até tentava. Carneirinhos, cachorrinhos, elefantes. Bichinhos e animais de grande porte desfilavam em uma lista sem fim.

Se não bastava cerrar os olhos para dormir, também não funcionava submeter os bichos a uma missão desnecessária, ferindo seus parques direitos. Sem contar que, a certa altura, a lógica matemática se atravessava no processo, despertando outras contagens: dos dinheiros que se têm para as contas que se deve; dos propósitos que se faz, mas se esquece de cumprir; das horas que se gasta em busca do sono que não vem. E assim por diante.

Para dormir, aprendeu, precisava mesmo era aquietar a mente e embalar as ideias.

Como se as colocasse em uma rede, empurrando-as em um suave balanço, para um lado e para o outro, de forma rítmica e continuada, até que as cansasse ao ponto de desistirem de se fazer presentes, de abrirem mão de se conectarem umas às outras.

Passou assim a acalantar as ideias como se acalanta uma criança pequena. Aconchegava-as com carinho, aliviava suas preocupações, tranquilizava-as de que o sono seria apenas uma interrupção temporária entre a noite e um novo dia que se sucedia. Que amanhã tudo estaria de volta, do jeito e da forma em que foram deixados. Era assim que elas se entregavam. E era assim que a menina dormia.

## DA AFINIDADE COM AS PALAVRAS

Desde pequena ela era uma pessoa das mais variadas fazeduras: de comida, de limpeza, de lavar e de passar, de tomar conta dos pequenos, da casa e das miudezas da vida.

Os afazeres de cada dia haviam se antecipado às brincadeiras da infância e invadido o tempo que devia ter dedicado à escola.

Ainda menina, se algum curioso lhe perguntava o motivo da falta de estudo, ela levantava os ombros virando a cabeça para o lado esquerdo, erguendo as sobrancelhas e entortando os lábios, com a expressão típica do desconhecimento. Em seguida arriscava em voz baixa:

– O problema (sic) é que nunca levei jeito com as palavras (sic) ... para fazer uma fala bonita, sabe?

Os interlocutores achavam graça na resposta e o assunto acabava por se dissipar entre os risos.

Assim, de convicção transformada em verdade, a menina tornou-se quieta pela falta de intimidade com as palavras. Cresceu e foi aprendendo os modos de fazer às custas de muito atenção na lida. Desenvolveu o hábito da escuta e tomou conhecimento do mundo ao redor de ouvir falar, que se a boca não ajudava o ouvido era ligeiro.

Certo dia, depois de presenciar uma explicação cuidadosa, que não era dirigida a ela, feita por um rapaz estudado, por quem guardava muito respeito e admiração, um comentário escapou-lhe pelos lábios quase sempre silenciosos:

– Eta! Cada um se vira com as palavras (sic) como pode!

O rapaz voltou-se para a moça até então invisível em suas fazeduras e puxou conversa com ela, curioso para entender a motivação daquela frase tão genuína.

Mais madura com os ensinamentos da vida, a mulher confessou-lhe sua dificuldade com as palavras e o quanto tinha em conta pessoas como ele, que falavam bonito.

Emocionado, o rapaz falou a ela que era o ouvido, e não a voz, quem emprestava sentido às palavras. E que ela, com seu escutar atento, fazia tanto pelas palavras quanto ele, que as dissera.

A mulher agradeceu-lhe muitas vezes a sabedoria dividida:

– Tenho dois ouvido (sic) que se ajeitam com as palavra (sic) – repetia, satisfeita, entre uma fazedura e outra.

## NOVA MORADA

Eram tempos de mudança. Esgotados os espaços físicos disponíveis para as novas construções na face da Terra, as pessoas passaram a procurar soluções alternativas para estabelecer sua morada.

Os primeiros a detectar esta tendência de escassez, práticos e objetivos, decidiram e foram ágeis em voltar a abrigar-se nas antigas cavernas.

Uma parte da população, de viés nômade, fez crescer o número daqueles que instalam seu lar sobre pequenas embarcações e passam os dias ao sabor da maré, da força das águas e da direção dos ventos.

Alguns, incluindo os claustrofóbicos, apreciaram a oportunidade de viver em árvores. Se de fato perderam muito em conforto, também compensaram parte disso em aventura, levando de brinde um deslumbrante visual panorâmico.

Outros, como eu, escolheram habitar palavras e saíram à procura daquela que reunisse as condições exemplares para chamar de lar.

A princípio optei por ideia, no plural, fascinada com a possibilidade de desfrutar o prazer de perder-me em sua amplitude.

Imaginei uma vida feliz, longe de enfadonha rotina, já que ideias fazem ótimas parcerias com os mais diversos verbos de ação, o que torna possível, por exemplo, viajar, navegar ou voar entre elas.

Ideias são livres e leves, mas - repletas de significado - jamais inúteis ou vazias. Pelo contrário, têm o hábito de crescer em complexidade, o que por vezes faz com que se multipliquem e passem a formar novas famílias.

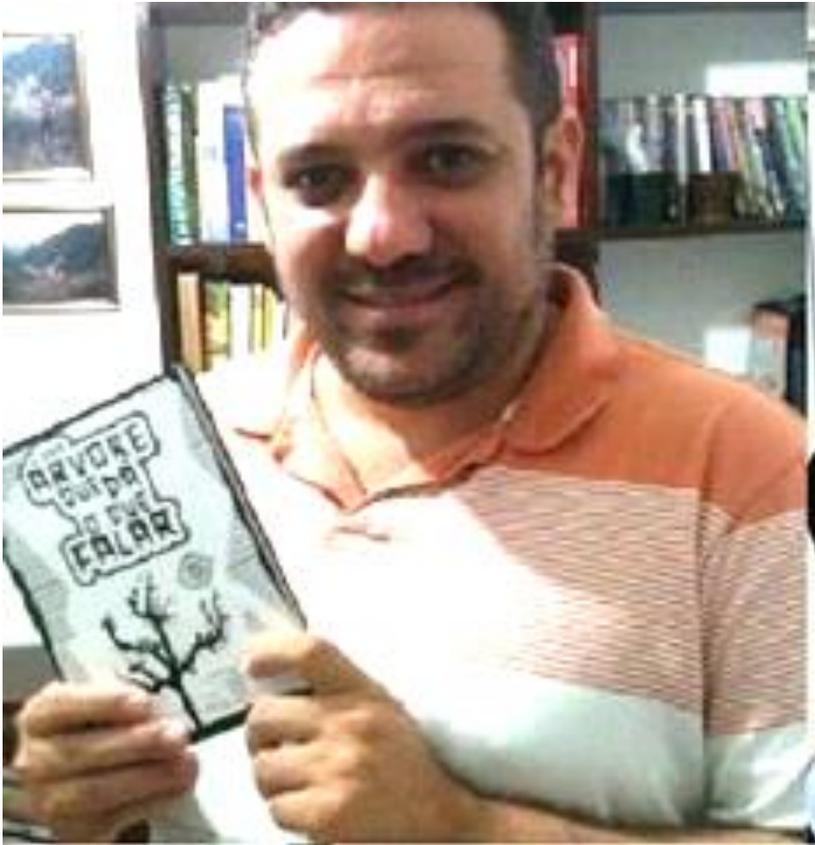
A vida entre ideias também é rica em emoções e foge das amarras do tempo. Nesta casa, há autonomia para transitar entre o passado, o presente e o futuro.

Existe apenas um senão para confirmar esta minha escolha: não abro mão do direito de ignorar a plástica forçada conferida à palavra na mais recente reforma ortográfica da língua portuguesa.

Exijo que ideia recupere a graça da sonoridade original, retomando o acento agudo que lhe confere, graficamente, a expansibilidade com a qual foi concebida.

Posso dizer que, no momento, só isso ainda me impede de habitar ideias.

JURA ARRUDA



JURA ARRUDA

Jura Arruda nasceu em São Paulo. Radicado em Joinville desde 1984, estreou escrevendo para teatro em 1996, com a peça infantil “Quem roubou minha infância que estava aqui?”, desde então escreveu onze peças, com destaque para “Uma festa para Eulália” (2006) e Nós e um laço (2013). No cinema foi roteirista do longa "Infância de Monique".

Com foco na literatura infantojuvenil, Jura Arruda tem sete livros publicados, com destaques para “Fritz, um sapo nas terras do príncipe” e “Uma árvore que dá o que falar”, além de participações em antologias por editoras de São Paulo e Santa Catarina.

Foi membro do Conselho Municipal de Políticas Culturais de 2015 a 2016, é vice-presidente do Instituto da Cultura e Educação (realizador da Feira do Livro de Joinville), Membro Honorário da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e Membro Efetivo da Academia Joinvilense de Letras desde 2015.

Cronista desde 2008, atualmente tem crônicas publicadas na edição de sexta-feira do jornal A Notícia.

É também editor, diretor da Editora Areia, de Joinville.

## O CANTO DE MAZILDA

Era comum Mazilda receber convites para festas. Porque seu jeito espontâneo e seu riso fácil a tornavam pessoa agradável, Porque a afinação de sua voz, aliada ao dedilhado de um amigo no violão, fazia dos encontros momentos de deleite musical. Ia de Dolores Duran a Ângela Maria, cheia de estilo próprio, acrescentando falsetes que, de leve, lembravam o timbre de Janis Joplin. Seus quinze anos permitiam o sonho e a fantasia. Quando não estava em festas, cantarolava lavando louça, ora ostentando o frasco de detergente como microfone, ora oferecendo o olhar e a música ao vaso de arnica do mato colocado à janela.

Das festas entre amigos, passou a frequentar e animar bailes. Não muitos, porque o pai dizia que não era coisa de moça direita. Bem, ele não era tão sutil. Não foram poucas as vezes que Mazilda ouviu gritos e tremeu: “Sua cadelinha!”, “Isso é coisa de vagabunda!”. Nos dias de bebedeira era pior. Os bailes viraram recordação e mesmo a cantoria na pia diminuiu. Detergente deixou de ser microfone e a arnica do mato sofria silêncios. O tempo passou e a menina cresceu. A vida caminhou ordinária, os sonhos de palco deram lugar aos sonhos de altar.

Casou no civil.

Foi esposa, foi mãe, foi porto seguro.

Certo dia, entre um prato e uma xícara, voltou a cantar. Passarinho solto, cantava a programação do rádio, em dueto com os mais renomados cantores da época. Mas o marido também não apreciava a música que exalava de Mazilda. Sua maneira de demonstrar era o escárnio. Ela silenciou mais uma vez.

Aos 73 anos, Mazilda descobriu que não precisa de autorização de ninguém, voltou a soltar a voz. Do primeiro

andar de onde mora, sua voz ecoou rua afora. O repertório era variado e infinito.

Ontem, próxima à janela, percebeu que na rua havia um casal, recostado no carro, observando sua cantoria. Após uma breve hesitação, retomou o canto, soltou a voz e viu que o casal sorria num terno abraço. Voltou a ser a Mazilda dos palcos, dos bailes, dos sonhos. Aos 73 anos.

## NÃO CABE O SILÊNCIO

Inflama. Palavra solta pega fogo. Vira cinza. Renasce. Arremata, arrebatada, inicia e termina. Palavra solta é objeto de agressão e é carinho. É prólogo, epílogo e tudo que há entre. Palavra solta é semente e tiro certo. É risco e conforto. E palavra presa mata.

A folha continuava em branco, enquanto a cabeça de William girava em torno de mil ensaios. Não era um homem eloquente, nem na fala, nem na escrita. Que peia! Devia ser a velha máquina de escrever que há anos oprimia-o. Desde que fora obrigado a escrever uma carta de desculpas ao diretor da escola por ter ofendido a roupa que não cabia o homem dentro. O pai prostrado atrás de si gritava “Escreva! Onde já se viu tamanha galhofa? E com o diretor da escola! Quer ser expulso, William? É isso que você quer? Escreva! Vamos!”.

Seu pai já não rosnava atrás de si, não havia um diretor para se desculpar, bastava escrever, colocar a primeira palavra, mas que fosse a palavra certa, em tamanho e sonoridade, que dissesse tudo o que ele não podia expressar oralmente. O filho se aproximou, tinha não mais que seis anos, nunca vira o pai diante daquela máquina. Olhou-o indagando, William devolveu o olhar, mas não deu resposta. Levantou-se, talvez fosse melhor usar o computador, quem sabe um caderno, qualquer coisa que não fosse a velha máquina de escrever, mas ele sabia que não

era culpa da máquina. Não havia era palavra capaz de saltar de seus pensamentos para uma página em branco. Desolado, sentou no sofá colocando o queixo sobre as mãos e os cotovelos sobre os joelhos. Não viu o filho subir na cadeira e apertar algumas teclas. Nem viu a chegada de sua esposa.

– Nada?

– Não.

– Você precisa.

– Eu sei.

Respirou fundo. Bufou. Voltou à máquina e sentou-se, fechou os olhos e viu sobre si todas as palavras soltas, buscando espaço e colocação. Seus dedos atiraram-se sobre os teclados e, por fim, todas as palavras tomaram seu lugar na página. A esposa e o filho correram a ver felizes tamanha atividade. William finalmente soltara todas as palavras presas de sua garganta e, com elas, o peso de guardar o mundo dentro de si.

## DO QUANTO SE PODE MUDAR

– Há dez anos não era assim, não, Schmidt. O sol ia quebrando pros lados do Piraí e a gente já sentia o cheirinho do pão que assava no forno, daí passava um café pra aquecer o peito, fechava a porta pra impedir muriçoca e, quando a noite caía, ligava a televisão ou ouvia rádio, tanto faz. Noite era tempo de voltar pra dentro, pra dentro de casa, ou se desse nas ventas, sair pra um papo de portão, um tropeço na calçada, um boteco na esquina. Tomar uma, beliscar hollmops, falar da vida alheia. Era nessa base a vida da gente, lembra?

Schmidt lembrava disso e, à Drummond, resmungou:

– Eta, vida besta, meu Deus.

– Ora, vida besta! Era muito bom. Tinha tempo pra praticar filosofia. A gente era tudo filósofo. Pensava na vida, entendia a vida, esperava da vida. Hoje, não tem nada disso. É

uma correria danada. Veja só a Gisele. Não para mais um dia em casa. Depois que se meteu com essa coisa de cultura, só quer saber de ficar na rua. Até tarde. Não é vida pra moça direita.

– Cale a boca, Nilsinho. Tá falando bobagem. Há dez anos, a vida era um cocô. Os filhos da gente eram criados pra roçar mato ou pegar emprego na indústria, voltar cheio de fuligem. Agora tá melhor. O Vitinho aprendeu a se comunicar, defende as ideias dele lá no meio de gente graúda. Fala bonito que só vendo. Hoje mesmo, saiu cedinho pra uma reunião com os amigos. Coisa de arte.

Nilsinho balançou a cabeça desdenhoso, mordeu o canto dos lábios e atirou longe uma pedra que trazia na mão.

– Vou pra dentro.

Schmidt olhou no relógio.

– É cedo, Nilsinho. Vai ver televisão?

– Não. Tenho que me arrumar.

– Égua! Que novidade! Vai pra onde?

– No lançamento de um livro, com a Gisele.

Schmidt soltou um riso alto.

– Se preocupa não. Amanhã tudo volta ao normal.

Nilsinho deu meia volta, aproximou os olhos dos olhos de Schmidt e, muito enfezado, gritou:

– Amanhã vou ao teatro.

## DE NOITE, UM DIA

Os primeiros raios de sol rompem a escuridão de uma noite infeliz. A madrugada, às vezes, não é boa companhia. Mas há um porvir de esperança na luz que invade a fresta da cortina às 6h52 e que beija-lhe suave as pálpebras. Tanto

renascimento o amanhecer é capaz de propor! Não a ela, não nesta manhã. Ainda que o instante ofereça um pouco de alívio, abrir os olhos é penoso, ver o que quer que seja é, ainda, sombrio. Mas não adianta os olhos fechados, não se foge do que está dentro, carregado, impresso em nós. A imagem de uma ausência insiste em aparecer, como um quadro triste. Moça em posição fetal, abrigo imaginário. Do cabide pende o vestido, sem suor, sem aplauso.

Ao sul da cidade, ele bate palmas. Um cachorro late. Uma mulher abre a porta. O ônibus no qual chegou seguirá despejando trabalhadores de volta às suas casas. A cozinha exala um cheiro de café, que ele tomará imaginando sua cama e um sono merecido. Mas antes do almoço já estará de pé, porque mais do que trabalhar, há coisas que precisam ser feitas, há uma vida em andamento e há que se ser feliz, seja ouvindo música, assistindo ao futebol ou vendo TV, não fará muito mais do que isso, porque não é de sua cultura fazê-lo, ou porque a vida anda exigindo entrega total à luta pela sobrevivência e qualquer programa que fuja da rotina dá trabalho.

Mais de quinhentas mil pessoas, hoje, seguirão nas mais diversas direções, cada uma com seus problemas, cada uma com suas soluções, todas com algum motivo, alguma renúncia, algum calo ou pedra no sapato, olhando vitrines e imaginando-se descalças. Chaminés lançarão fumaças no céu, que de azul se transformará em cinza no final da tarde, calor úmido, prenúncio de chuva forte. Águas de março sem poesia.

As horas voam, o mundo caminha.

É laranja o sol que repousa sobre a linha do horizonte, chuveiros despejam água e prazer sobre os corpos que chegaram em casa e que sairão em seguida. Nos cabides, roupas de sair se exibem na esperança de serem escolhidas. Os faróis dos carros já estão acesos; as luzes nos postes iluminam calçadas; desejos e expectativas se acendem à luz da lua. vista de cima, a cidade ferve, emana fachos de luz que percorrem

suas vias em vermelho e branco. À noite, a cidade parece maior que durante o dia, é quase cosmopolita. Os sons, duros, mecânicos e agressivos de horas antes, agora ganham contornos de festa, há copos tilintando, há risos soltos, e um cheiro de perfume que embriaga tanto quanto olhares de conquista.

A bailarina recolhe a tristeza, esconde-a sob a fita que envolve suas canelas, retira do cabide o vestido não usado na noite anterior, volta ao palco para o encontro tão desejado. Aquece o corpo, alonga-se, inspira, expira. Havia um objetivo em todo esforço durante os meses de ensaio, havia a esperança do encontro e a certeza de realização. Ainda sustenta, em meia ponta, o medo, não da queda, mas do fracasso de não ter a quem apresentar suas conquistas.

O trabalhador estará de folga hoje, quando o dia encontrar a noite, e ainda estará, quando a noite reencontrar o dia. Resta-lhe saber que há uma apresentação na cidade, de uma bailarina que anseia pelo encontro e que seus mundos podem se encontrar, nem que seja no breve espaço de um crepúsculo, quando dia e noite se misturam e tornam-se uma coisa só, como eles ainda não conseguiram.

# **ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS**

## **PROGRAMAÇÃO DE OUTUBRO – 2017**

Dia 5, quinta, às 19:30 hs horas – Sessão Solene de Posse – No Salão Nobre, 2º andar

Dia 7 – sábado, das 9 às 17 hs – Oficina de Poesia – Com o acadêmico Milton Maciel – Na sala de aula, 3º andar

Dia 10, terça, às 20 hs – Sessão ordinária e Café Acadêmico – Na sala de reuniões, 3º andar

Dia 21, sábado, das 9 às 17 horas – Oficina de CRÔNICA – Com Donald Malschitzky – Na sala de aula, 3º andar

Dia 28 – sexta, às 19:30 hs – Sessão Solene de Posse – Na Sala dos Espelhos – Térreo



ACADEMIA JOINVILENSE

1969